

ASSIM NASCE UM EVENTO EXTENSIONISTA: festa do cordel na educação infantil¹

Simone de Paula dos Santos²

Celme Patrícia da Silva³

RESUMO

Este artigo visa problematizar o surgimento de ações extensionistas – a partir da concepção de extensão universitária, segundo o Plano nacional de Extensão (2012) em turmas do Maternal III de uma Escola Municipal de Educação Infantil do Município de Diamantina/MG – e buscar compreender como tais ações trouxeram implicações formativas a todos os participantes envolvidos. A ação extensionista partiu da demanda da escola por um trabalho que integrasse múltiplas linguagens e pudesse desenvolver diversas habilidades previstas na BNCC para a Educação Infantil. Diante disso, do ponto de vista metodológico, construímos uma sequência didática e diversos produtos educacionais ligados à literatura de cordel e à cultura nordestina. Os resultados obtidos foram observados a partir do desenvolvimento do letramento literário, da oralidade, de aspectos sensoriomotores, do reconhecimento do funcionamento do texto escrito e da ampliação do repertório cultural das crianças envolvidas nas ações.

Palavras-chave: extensão; educação infantil; cordel.

Thus an extension event is born: cordel party in early childhood education

ABSTRACT

This article aims to discuss the emergence of extension activities—based on the concept of university extension, according to the National Extension Plan (2012) – in Maternal III classes at a municipal early childhood education school in the municipality of Diamantina, Minas Gerais, Brazil, and to understand how these activities had educational implications for all participants involved. The extension action arose from the school's demand for work that integrated multiple languages and could develop various skills provided for in the BNCC for Early Childhood Education. Given this, from a methodological point of view, we constructed a didactic sequence and various educational products linked to cordel literature and northeastern culture. The results obtained were observed based on the development of literary literacy, oral skills, sensory-motor aspects, recognition of the functioning of written text, and the expansion of the cultural repertoire of the children involved in the actions.

Key-words: extension; early childhood education; cordel.

¹ Este projeto foi premiado na segunda edição do Prêmio Paulo Freire de inovação, equidade e inclusão na Educação Básica, da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri em 2023, e pode ser acessado em <https://www.youtube.com/watch?v=Qck8ZMDhpoU>.

² Professora Associada do Curso de Letras da Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri. E-mail: simone.s@ufvm.edu.br

³ Professora P1- Educação Infantil, da Escola Municipal de Educação Infantil Professor Célio Hugo Alves Pereira, Diamantina/MG. E-mail: celme.patricia@ufvjm.edu.br.

1 Introdução

A Escola Municipal de Educação Infantil Professor Célio Hugo Alves Pereira, localizada em Diamantina/MG, instituiu como projeto principal do ano de 2018 o Café Literário, no qual cada turma da Escola deveria apresentar, em diferentes datas estabelecidas pela escola, o resultado alcançado a partir do referido projeto. As professoras regentes de cada turma deveriam escolher pequenas apresentações musicais, recitais e/ou dramatizações referente a um determinado tema escolhido.

Diante dessa proposta, a professora do Maternal III decidiu que seria viável trabalhar e explorar com os alunos algumas poesias do livro *A arca de Noé*, de Vinícius de Moraes, já que a decoração da sala tematizava os animais da arca de Noé. É importante ressaltar que a escolha desse tema para a sala do Maternal III não se deu pelo caráter religioso presente na história, mas por sua qualidade literária e a presença dos personagens nela inseridos.

O trabalho com os animais desperta o interesse das crianças pela infinidade de aspectos possíveis de se abranger: animais domésticos, selvagens, aquáticos, com tamanhos e cores distintos, o tipo de alimentação, o som que emitem; e outros detalhes podem ser observados e explorados de forma lúdica na sala de aula, por meio de gravuras, histórias, vídeos e outros recursos disponíveis.

Pensando em contribuir com o trabalho da professora do Maternal, a mãe de um dos alunos da turma apresentou a *Coleção Cordel para Crianças* (Alfredo; Rachid, 2010) para a professora. Cada folheto dessa coleção apresenta uma temática diferente: frutas, países, animais e outros. O primeiro folheto trabalhado com as crianças foi o sobre frutas, o qual compôs um estudo sobre alimentação saudável. A resposta das crianças diante dos objetivos propostos nesse estudo foi muito positiva.

Diante desse resultado, a professora decidiu explorar mais um folheto da coleção, intitulado *Que bicho é esse?*, e o acrescentou ao projeto Café Literário proposto pela escola. Foram escolhidas cinco sextilhas, as quais foram recebidas pelos alunos com entusiasmo.

A partir da decisão de se trabalhar com os folhetos de cordel, novas ideias e demandas foram surgindo em direção à ampliação do trabalho, o que acabou por ampliar

o diálogo entre a Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri (UFVJM), por meio da proposição de ações extensionistas, e a escola em questão.

Nesse sentido, objetivamos neste artigo relatar o processo de ensino e de aprendizagem subjacente ao projeto didático apresentado pela professora do Maternal III, buscando problematizar o surgimento de ações extensionistas ao longo desse processo – a partir da concepção de extensão universitária, segundo o Plano Nacional de Extensão (Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 2012). Buscaremos também compreender como essas ações trouxeram implicações formativas a todos os participantes envolvidos, sobretudo, no que se refere ao desenvolvimento de: a) múltiplas linguagens previstas na BNCC da Educação Infantil (Brasil, 2017); b) letramento literário; c) oralidade e sua interface com a escrita; d) coordenação motora e sistema sensório-motor; e e) repertório cultural.

A seguir, faremos uma breve exposição sobre alguns princípios e definições ligadas à literatura de cordel, a fim de que possamos compreender melhor esse rico universo cultural, o qual envolve não só a poesia popular, como também nos possibilita vislumbrar elementos da cultura nordestina, tais como, a culinária, a música, a vegetação, as artes plásticas, a dança, etc. Essa exposição nos servirá também de justificativa para a escolha do tema e do gênero literário em questão, para o desenvolvimento do trabalho na Educação Infantil.

2-A literatura de cordel: alguns princípios e definições

O folheto de cordel passou e vem passando por transformações significativas quanto ao suporte, aos locais de venda, de circulação, ao público de leitores-ouvintes e mesmo quanto aos temas abordados e à linguagem utilizada. Embora tenhamos optado por trabalhar com a manifestação impressa do folheto de cordel, não podemos negar a importância da dimensão oral/vocal dessa literatura. Isso porque, antes de ser escrita, no sentido moderno do termo, a poesia de cordel passou e ainda passa pelo que Paul Zumthor (1993, p. 18) apontou como os três estágios de produção comunicativa oral, a saber: a) a oralidade primária, sem qualquer presença da escrita; b) a oralidade mista, em que o texto ditado e manuscrito serve como suporte da memória; e c) a oralidade segunda que tem a ver com o momento em que a voz, em função da escritura, perde boa parte do seu valor no uso e no imaginário dos indivíduos.

Portanto, é no “fenômeno da voz humana, dimensão do texto poético, determinada

ao mesmo tempo no plano físico, psíquico e sócio-cultural” (Zumthor, 1993, p. 18) que encontramos a base da trajetória enunciativa da literatura de cordel. Esta poética é vista por nós sob a perspectiva de um texto feito para ser vocalizado em uma encenação performática, nos termos de Zumthor (*op. cit.* p. 222), para quem a *performance* é “uma ação oral-auditiva complexa, pela qual uma mensagem poética é simultaneamente transmitida e percebida, aqui e agora”. E o autor complementa, dizendo que “a transmissão de boca a ouvido *opera* o texto, mas é o todo da *performance* que constitui o *locus* emocional em que o texto vocalizado se torna arte e donde procede e se mantém a totalidade das energiasque constituem a obra viva”.

A voz poética, nas civilizações anteriores à escrita e mesmo nas de oralidade mista, servia à manutenção do laço social, à transmissão de valores, crenças da comunidade, “sustentando e nutrindo o imaginário, divulgando e confirmando os mitos, revestida de uma autoridade particular, embora não claramente distinta daquela que assume o discurso do juiz, do pregador, do sábio” (Zumthor, *op. cit.* p. 67). A voz poéticaestava presente em toda parte e era conhecida por todos. Ela integrava discursos comunse era para a comunidade fonte credível de informação e de ensinamentos, além de entreter o público. Essa era a função social primária da poesia, isto é, integrar várias finalidades como informar, ensinar, entreter, profetizar e transmitir as memórias da comunidade. Deacordo com Zumthor (*op. cit.*, p. 142):

Na medida mesma em que o intérprete empenha assim a totalidade de sua presença com a mensagem poética, sua voz traz o testemunho indubitável da unidade comum. Sua memória descansa sobre uma espécie de “memória popular” que não se refere a uma coleção de lembranças folclóricas, mas que, sem cessar, ajusta, transforma e recria.

O texto vocalizado, enquanto mantenedor/transmissor/recriador da memória coletiva, ganha, assim, outras restrições situacionais voltadas para a performance, como o ritmo, a entonação do verso, a rima, os quais assumem um papel fundamental na composição da poesia.

A nossa hipótese é de que mesmo o folheto escrito/impresso mantém, até hoje, um forte laço com esses rituais performáticos, muito mais recorrentes no passado do que hoje em dia, pois o cordel se situa no período de transição da oralidade para a escrita e só se presentifica plenamente se for vocalizado, ou seja, se ganhar os contornos da voz em *performance*.

Tal hipótese pode ser corroborada pela voz dos poetas, que, ao serem

entrevistados³ acerca de quais eram as temáticas mais recorrentes, quantos folhetos haviam publicado, qual era o folheto mais lido, pegavam um folheto para recitá-lo quase que automaticamente. Outros poetas, ao serem demandados com relação ao processo de produção, afirmavam lerem em voz alta cada estrofe, ao final da composição, para verificarem se o ritmo estava correto.

A noção de ‘transição’ para caracterizar a passagem da oralidade para a escrita foi introduzida por Eric Havelock, em seus estudos sobre a Antiguidade grega. Em

³ Para saber mais, ver Mendes (2011).

Preface to Plato (Havelock, 1963), o autor descreve a lenta e progressiva transição da oralidade primária para a escrita, desde Homero até Platão.

Na visão de Havelock, a ruptura entre as duas modalidades da língua se deu de forma mais brusca em Platão, pois este considerava a antiga forma de transmissão ritmada e rimada, pautada na improvisação e na memorização, um saber suspeito e desprezível que deveria ser substituído por um novo saber, mais abstrato, racional, científico, que não se baseia diretamente na vida concreta e nos valores da comunidade.

Portanto, para nós, a escrita é só uma fase de uma longa evolução, em que se inclui a oralidade e as novas tecnologias, e não deve ser vista como ponto de partida, modelo, critério universal e atemporal para o estudo de outras civilizações e épocas. Apesar dos enormes ganhos que a escrita proporcionou e proporciona, sobretudo para o registro e para a preservação dos textos, ela não pode ser vista como superior à oralidade, assim como a prosa não pode ser vista como superior à poesia, pois se trata de formas diferentes de comunicação, que coexistem no interior da sociedade.

Por estar situada entre a oralidade e a escrita e se manifestar sempre pelos contornos da performance vocal e corporal, a literatura de cordel se apresenta como gênero bastante adequado para o trabalho com as múltiplas linguagens na educação infantil. Ana Oliveira ([2018?]) apresenta três bons motivos para se trabalhar com a poesia rimada na educação infantil: a) a rima contribui para ampliar habilidades linguísticas iniciais, aumentando a consciência fonológica da criança; b) a rima auxilia a inserção da criança no universo da literatura, já que vem acompanhada de frases curtas que narram as histórias; c) a poesia rimada ajuda a criança a entrar num universo de referências culturais por meio de técnicas mnemônicas, já que o ritmo ajuda na memorização dos versos.

3- A literatura de cordel na educação infantil

Gênero literário popular, a poesia de cordel possui uma estrutura em versos rimados e uma linguagem acessível, podendo ser facilmente compreendida pelos leitores. A poesia possui encantamento e magia por ser um gênero literário que permite brincar com o ritmo e a sonoridade das palavras. As rimas e a forma divertida com que muitas vezes os cordéis apresentam seus versos incentivam o gosto pela leitura e potencializam o processo de ensino e de aprendizagem na educação infantil. Pelo fazer poético, a criança entra em consonância com as múltiplas linguagens (Brasil, 1998), liberando a sua

imaginação e ampliando a sua capacidade de interação comunicativa.

As crianças na faixa etária dos três anos estão em fase de desenvolvimento da linguagem, possuem um vocabulário pouco elaborado, trocam letras de algumas palavras e formulam frases curtas. Nesse sentido, torna-se fundamental um bom planejamento para que o desenvolvimento da linguagem dessas crianças seja favorecido, isto é, é preciso fazer com que a criança participe de várias situações de comunicação, tais como rodas de conversa, histórias, músicas, brincadeiras de faz de conta, recitais e outras situações capazes de facilitar essa comunicação. Essas formas de interação são de extrema importância não só para o enriquecimento do vocabulário, mas na elaboração das múltiplas linguagens, além de ajudar a criança a ampliar suas relações com o ambiente por meio da socialização, da expressão dos seus desejos, necessidades e sentimentos.

O Referencial Curricular Nacional da Educação Infantil (Brasil, 1998) pressupõe uma linguagem sistematizada e significativa no processo de desenvolvimento da criança, trazendo uma reflexão sobre as múltiplas linguagens que devem ser trabalhadas na Educação Infantil, dispondo sobre o impulso positivo das crianças envolvidas na interação com as diferentes linguagens (música, artes plásticas, teatro, dança, poesia e literatura). Diante disso, o trabalho com a poesia de cordel na Educação Infantil se faz pertinente visto que permite explorar a música, pela sonoridade das rimas, as artes plásticas, por meio da xilogravura de capa, a dança, à medida que é possível criar uma coreografia enquanto se recita um poema, etc.

A *Coleção Cordel para Crianças* (Alfredo; Rachid, 2010) é constituída de dez folhetos, e cada qual trata de um tema diferente. Os versos rimados da coleção são apresentados em forma de brincadeira de adivinha, o que os torna uma grande ferramenta lúdica no processo de ensino e de aprendizagem das crianças. A escolha do folheto *Que bicho é esse?* se deu por se tratar de um tema de interesse da maioria das crianças e em função da decoração da sala de aula: a Arca de Noé.

O trabalho com a literatura de cordel no Maternal III teve início na rodinha diária de conversa que promovemos com as crianças. Recitamos vários cordéis para observar quais iriam chamar a atenção dos alunos, no intuito de selecionar as poesias que seriam trabalhadas efetivamente. Selecionamos cinco estrofes do folheto *Que bicho é esse?* e continuamos o nosso momento da poesia na rodinha de conversa. Para despertar ainda mais o interesse dos alunos e facilitar a memorização dos versos, atribuímos uma coreografia gestual para cada estrofe trabalhada. Além da performance gestual e da leitura dos cordéis com a turminha, a ajuda das famílias também foi muito importante para que as crianças memorizassem os poemas.

Recitar efetivamente as poesias favoreceu o desenvolvimento da linguagem oral das crianças de forma expressiva. Além disso, o trabalho com a expressão corporal, facial, o ritmo e a entonação da voz possibilitaram o desenvolvimento de habilidades, tais como: equilíbrio, noção espacial, sensibilidade auditiva e a sincronia corporal. Aos poucos o contato com a poesia escrita também teve a sua importância ao passo que cada criança começou a perceber dentro do texto algumas letras relacionadas com o seu cotidiano, como as iniciais do nome próprio e do nome de alguns colegas.

As artes visuais foram expressas em atividades de colagem, pintura e, sobretudo, pela isopogravura, uma técnica feita com bandeja de isopor, tinta guache e rolinho de espuma para pintura, cujo resultado se assemelha ao obtido pela técnica da xilogravura⁴. Após fazer o desenho na bandeja de isopor, cada criança passava a tinta com o rolinho, num trabalho minucioso de equilíbrio das mãos para dosar a quantidade de tinta e principalmente para não quebrar a bandeja.

Além da isopogravura, foram desenvolvidas outras atividades manuais, relacionadas às cinco estrofes selecionadas, quais sejam:

a) Com a poesia do coelho, propusemos a colagem de algodão em cima do desenho de um coelho grande, um trabalho coletivo que demandou muita atenção e concentração por parte dos pequenos. As crianças puderam comparar o coelho fofo da poesia com a textura e a maciez do algodão utilizado na colagem.

Figura 1 – atividade de colagem com algodão



Fonte: arquivo pessoal – 13 ago. 2018.

⁴ Nos folhetos de cordel, a xilogravura, arte e técnica de fazer gravuras em relevo sobre madeira, costuma figurar como ilustração de capa.

- b) A partir da poesia do elefante, as crianças pintaram pratinhos de papelão para a montagem de um elefantinho como um quebra-cabeça. A atividade exigiu em si a noção da quantidade de tinta a ser utilizada, o movimento simultâneo das mãos e a atenção para a pintura.
- c) A poesia da borboleta foi ilustrada com uma arte por meio da qual as crianças fizeram borboletas com a pintura das mãos, exigindo dos alunos a percepção das mãos como um carimbo, da textura da tinta, da posição das mãos sobre o papel, formando uma borboleta, e das cores utilizadas.
- d) A poesia da formiga foi sistematizada com a pintura de tampinhas de preto para a professora fazer as formiguinhas. A atividade exigiu das crianças muita concentração, maior cautela na dosagem da tinta por se tratar de um objeto pequeno, o qual apresenta maior dificuldade de manuseio.
- e) Foi bastante significativo e interessante trabalhar a poesia do cavalo, a partir da qual sugerimos uma atividade para ser feita em casa. A família, juntamente com a criança, confeccionou um cavalinho de pau. O resultado foi significativo não só pela participação da família, como pela criatividade com que a atividade foi desenvolvida. Surgiram cavalinhos de cores e tamanhos variados, cada qual com uma arte singular.

Depois de trabalhar todas as estrofes selecionadas, fizemos uma coletânea ilustrada com xilogravuras da turma utilizando a técnica da bandeja de isopor.

Mais uma vez as famílias tiveram participação especial dentro do projeto, e a elas foi atribuída a tarefa de elaborar uma estrofe com o nome do(a) filho(a) e utilizar a isopogravura como ilustração. Para isso, a professora SS gravou um vídeo tutorial ensinando a referida técnica. O vídeo seria postado no grupo do Maternal no aplicativo whatsapp. Porém, era necessário pensar na fragilidade das bandejas de isopor sendo transportadas para casa, nas famílias sem acesso ou com acesso restrito à internet, nos materiais necessários para realizar a atividade. Enfim, diante dessas especificidades, resolvemos organizar uma oficina de isopogravura na própria escola e convocamos a presença dos pais e das crianças. A oficina foi dirigida pela professora S, e a participação das famílias foi muito satisfatória. No momento, o responsável pela criança fez o desenho na bandeja de isopor e as crianças passaram a tina com o rolinho de espuma, mesmo procedimento feito em sala de aula com a professora do maternal. O resultado de tudo isso foi um livrinho com os versos produzidos a partir dos nomes dos alunos.

Uma das partes mais significativas do projeto foi inserir, além do cordel, aspectos relevantes da cultura nordestina: a culinária, a música, a dança, a vegetação característica, brincadeiras e a lenda do Boi-Bumbá.

Levamos as crianças para a cozinha da escola e fizemos tapioca, um alimento típico do Nordeste brasileiro. O modo de preparo foi acompanhado pelos olhares atentos dos pequenos, e essa foi uma experiência singular. Eles ficaram atentos aos ingredientes, à preparação das tapiocas e, como era de se esperar, na hora da degustação, uns aprovaram e outros reprovaram a receita. Contudo, a experiência foi muito rica, pois possibilitou ampliar a consciência acerca de uma alimentação saudável, por meio do contato com os ingredientes e seu modo de preparo.

Figura 2 – Oficina de tapioca



Fonte: acervo pessoal – 24 ago. 2018

Para apresentar a vegetação característica, sobretudo do sertão nordestino, levamos um vaso com um mandacaru, explorando as suas peculiaridades na roda de conversa. As crianças se encantaram com o formato da planta e os espinhos que a protegem contra predadores.

Figura 3 – Roda de conversa sobre o mandacaru



Fonte: arquivo pessoal – 29 ago. 2018.

O folclore nordestino foi observado com um belo espetáculo teatral do Grupo de recreação Yup, que encenou de forma lúdica e muito divertida a história do Boi-Bumbá. Ao final do espetáculo, o grupo interagiu com as crianças fazendo brincadeiras, explorando músicas folclóricas e permitindo que as crianças se fantasiassem com perucas e outros adornos.

Figura 4: Espetáculo do Grupo de Recreação YUP

Fonte: acervo pessoal – 16 ago. 2018.



O forró e o baião nordestino fizeram a alegria das crianças, ajudando-nos a promover o trabalho com o ritmo e a expressão corporal de forma espontânea.

Figura 5: Oficina de baião e forró



Fonte: acervo pessoal – 31 ago. 2018.

Conscientes dos benefícios que a música oferece para o desenvolvimento infantil, resolvemos cantar essas estrofes com as crianças. Para isso, foi necessário contar com o talento da animadora de festas Marcilene Barbosa, que colocou melodia nas estrofes trabalhadas com os alunos para que pudessem cantá-los em vez de apenas recitá-los. As crianças amaram a ideia da musicalização dos poemas e cantaram com bastante entusiasmo.

Na sequência, trouxemos para a escola a Companhia Teatro de Retalhos, da cidade de Arcoverde, localizada no sertão Pernambucano. A Cia apresentou, por meio de uma parceria firmada com o Curso de Letras da UFVJM, o espetáculo de palhaços Espavento, o qual nos propiciou contato com a variante linguística e o sotaque pernambucano, compondo parte do acervo de elementos da cultura nordestina o qual estávamos explorando no projeto. Além disso, uma das integrantes da Cia, a atriz e poetisa Odília Nunes, nos presenteou, após a apresentação teatral, com a declamação de um dos seus poemas intitulado “A incrível história do Menino Mandacaru”.

Figura 6: Espetáculo Espavento, da Cia Teatro de Retalhos, de Arcoverde/PE



Fonte: acervo pessoal – 17 set. 2018.

Para apresentar os resultados desse projeto, fizemos A Festa do Cordel, momento em que pudemos socializar com as famílias todo o trabalho desenvolvido com a literatura de cordel durante o ano letivo. Os trabalhos manuais foram expostos como parte da decoração da festa. As crianças do turno matutino recitaram os versos trabalhados com muito entusiasmo, encantando os convidados com o sorriso e o brilho no olhar próprio das crianças. Os alunos do turno vespertino cantaram os versos trabalhados em sala de aula com a participação da professora de música e animadora de festas Marcilene Oliveira (tia Marcy). A alegria contagiante e encantadora dos pequenos poetas abrilhantou ainda mais o evento.

Figura 7 – Apresentação das crianças da Festa do Cordel



Fonte: acervo pessoal – 25 set. 2018.

Na sequência da festa, sorteamos cinco números, os quais foram recebidos pelos pais no início do evento. Os pais, juntamente com sua criança, foram convidados a declamarem a estrofe elaborada a partir do nome da criança. A apresentação dos resultados continuou com o sorteio de cinco números distribuídos no início da festa para os convidados para recitarem o verso feito com o nome da criança. Para finalizar as apresentações, a professora SS e seu filho fizeram uma performance poética, vestidos de Lampião e Maria Bonita, para homenagear alguns dos convidados presentes. A festa contou com a presença do poeta mineiro e autor dos cordéis trabalhados com as crianças, Olegário Alfredo da Silva (Mestre Gaia), por meio de uma ação extensionista que possibilitou sua presença no evento. Olegário é natural de Teófilo Otoni/Minas Gerais e tem mais de cem títulos publicados sobre diversos temas em literatura de cordel, além de ser membro da Academia Brasileira de Literatura de Cordel (ABLC). Sem dúvida, o contato das crianças com o autor dos versos trabalhados em sala de aula foi bastante significativo.

O poeta finalizou as apresentações recitando o final do *Cordel dos bichos*, emocionando os convidados com uma mistura de brilhantismo e simplicidade.

Ao final da festa foram oferecidos vasos com cactos e suculentas para as famílias cultivarem e uma almofada em forma de mandacaru para as crianças. Fora inserida também uma figura da almofada ao lado da figura da suculenta, do cordel e da xilogravura, de autoria do artista Hamurabi Batista, de Juazeiro do Norte/Ceará.

Figura 9 – Lembranças da Festa do Cordel



Fonte: acervo pessoal – 25 set. 2018.



Fonte: acervo pessoal – 25 set. 2018.

4- Extensão Universitária: alguns apontamentos

Para começarmos a refletir sobre os pressupostos ligados à extensão universitária, a fim de contextualizar as ações extensionistas presentes em nosso relato, nos valeremos da epígrafe, cunhada por Boaventura de Souza Santos, na Política Nacional de Extensão Universitária (Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 2012), segundo a qual

[...] a reforma da Universidade deve conferir uma nova centralidade às atividades de extensão (com implicações no currículo e nas carreiras dos docentes) e concebê-las de modo alternativo ao capitalismo global, atribuindo às Universidades uma participação activa na construção da coesão social, no aprofundamento da democracia, na luta contra a exclusão social e a degradação ambiental, na defesa da diversidade cultural.

Ressaltamos, na epígrafe de Boaventura, as expressões “construção da coesão social” e “defesa da diversidade cultural”, como ações que deveriam ser centrais na política de extensão praticada pelas universidades. De forma relacional, essas duas expressões nos transportam para o “aprofundamento da democracia”, também referenciada por Boaventura, uma vez que o pleno exercício da cidadania passa pelo respeito às diferenças e pela capacidade que a sociedade civil tem de se auto-organizar de forma coesa em prol do bem-estar social.

A escolha do trabalho com a literatura de cordel cumpre muito bem essa função, já que, como produto cultural, reflete um determinado nicho biocultural, repleto de

crenças, tradições, valores, memórias e identidades, que nos permite o exercício da tolerância com a diferença, bem como nos permite agregar bens culturais ao nosso repertório artístico, culinário, geográfico, linguageiro entre outros. Tal repertório nos possibilita promover melhor a coesão social em nível nacional, já que, como brasileiros divididos entre diversas regiões, acabamos, na maior parte das vezes, distantes uns dos outros em termos culturais, o que pode gerar diversas formas de segregação e discriminação.

Reforçar a diversidade e o exercício da cidadania desde a educação infantil pode ampliar a tolerância, a empatia, o autoconhecimento e contribuir para o processo de construção e reconhecimento identitário das crianças desde bem cedo, juntamente com o processo de aquisição da linguagem, pelo qual elas ainda passam nessa faixa etária.

Contudo, mesmo que tenhamos consciência do papel da universidade e de suas políticas para o fomento da extensão, buscando reafirmar o caráter acadêmico, “indispensável na formação do estudante, na qualificação do professor e no intercâmbio com a sociedade” (Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 2012, p. 9), ainda se faz necessário refletirmos sobre uma pergunta fundamental: como nasce uma ação de extensão?

Estamos diferenciando, neste relato, uma ação de extensão de um projeto de extensão. Enquanto o segundo compreende um conjunto de etapas a serem desenvolvidas num dado período de tempo, em um determinado local para um determinado público; a ação extensionista comporta apenas um evento pontual, que, no nosso caso, perpassou vários momentos do planejamento didático da professora do Maternal, à medida que ela ia pensando e repensando o seu planejamento com a turma.

Ao passo que as demandas iam surgindo, a parceria e o diálogo com a Universidade foi nascendo e se fortalecendo em torno de ações de extensão, devidamente registradas na Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da UFVJM. Tais ações foram sendo empreendidas por diversos atores, à medida que as atividades didáticas iam fluindo e que as respostas das crianças se apresentavam de forma positiva.

A primeira ação de extensão surgiu efetivamente quando sugerimos, no intuito de envolver as famílias nesse projeto, que cada família construísse uma estrofe de cordel utilizando o nome da criança. Os pais dos alunos ficaram livres para criar seus versos e devolvê-los à escola para análise e apreciação da turma. Após enviarem os versos para a escola, a professora do Maternal recorreu à ajuda da professora S para revisar e estruturar os versos no formato de cordel. Após a revisão, todos os versos foram digitados

e impressos para que cada família pudesse fazer a ilustração com uma isopogravura⁴ correspondente. A segunda ação extensionista se deu na produção de um vídeo tutorial ensinando os pais a fazerem a isopogravura, utilizando a técnica com bandeja de isopor para fazer o carimbo que seria impresso na capa da poesia com o nome da criança.

A terceira ação de extensão foi trazer para a escola o espetáculo teatral Espavento, da Companhia Teatro de Retalhos, de Arcoverde/Pernambuco.

A quarta e última ação de extensão se concretizou também por meio da parceria do Curso de Letras da UFVJM com a escola, ao viabilizar a presença do poeta mineiro Olegário Alfredo na Festa do Cordel.

O desenvolvimento das ações de extensão descritas possibilitou um crescimento interprofissional muito significativo, o qual culminou na escrita deste relato de experiência, como forma de fundir e divulgar os saberes propiciados ao longo do processo, advindos do cotidiano escolar e da formação acadêmica dos sujeitos envolvidos, tal como preconiza a Política Nacional de Extensão (Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 2012, p. 9) em seus objetivos.

Do ponto de vista da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, prevista na Constituição de 1988 (Brasil, 1988, art. 213, 2a), as ações de extensão cumpriram o seu papel no que se refere ao ensino, já que foram desenvolvidas no ambiente escolar, para crianças do Maternal III.

A atividade de pesquisa se deu em vários momentos, sob a forma de troca de saberes entre os sujeitos envolvidos e por meio da leitura de textos teóricos, que propiciaram uma melhor adaptação do tema ao contexto da Educação Infantil, o que reforça a

[...] inter-relação da Universidade com a sociedade, de oxigenação da própria Universidade, de democratização do conhecimento acadêmico, assim como de (re)produção desse conhecimento acadêmico por meio da troca de saberes com as comunidades (Fórum de Pró-Reitores de Extensão das Universidades Públicas Brasileiras, 2012, p. 17).

Pudemos comprovar a eficácia do planejamento flexível, do diálogo constante entre a Universidade e a Escola, na proposição de ações de extensão, bem como da integração entre pais, alunos e professores, para uma maior consolidação das atividades pedagógicas propostas pelos sujeitos envolvidos.

⁴ Isopogravura é uma técnica de fazer gravuras em baixo relevo sobre uma bandeja de isopor.

Considerações Finais

O Brasil possui uma vasta diversidade cultural e é preciso apresentar às crianças, ainda na primeira infância, essa diversidade, a fim de que aprendam desde cedo a respeitar e a valorizar as diferenças culturais, inviabilizando qualquer manifestação de preconceito e discriminação. Conhecer aspectos relevantes de uma cultura diferente amplia a noção de conhecimento de mundo e promove a formação identitária. Sob esse aspecto, as Diretrizes Curriculares Nacionais para Educação Infantil (DCNEI) detalham em seu Artigo 6º princípios que afirmam a criança como um ser em constante construção identitária. Portanto, as instituições educacionais de educação infantil devem oferecer uma proposta pedagógica que envolva as múltiplas linguagens e acolha as diversas manifestações culturais do nosso país, visando à formação da criança para atuação no âmbito doméstico e social.

Diante de tantos fatores positivos e favoráveis à educação infantil, a literatura de cordel se revelou como um instrumento de ensino e de aprendizagem indispensável para o trabalho na primeira infância. O trabalho com a literatura de cordel no maternal foi uma experiência intensa, uma vez que todos os eixos que norteiam a educação infantil foram abordados de forma lúdica e prazerosa, tornando a aprendizagem dos alunos efetiva, significativa e contextualizada.

REFERÊNCIAS

ALFREDO, Olegário; RACHID B. Ricardo. **Coleção Cordel para Criança**. [S. l.]: [s. n.], 2010.

BRASIL. [Constituição 1988]. **Constituição da República Federativa do Brasil de 1988**. Texto consolidado até a Emenda Constitucional no. 70 de 29 de março de 2012. Senado Federal. Disponível em: http://www.camara.gov.br/legislacao/const/con1988/CON_29.03.2012/CON1988.pdf. Acesso em: 18 out. 2018.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Básica. **Base Nacional Comum Curricular: Educação Infantil e Ensino Fundamental**. Brasília, 2017.

BRASIL. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Referencial curricular nacional para a educação infantil / Ministério da Educação e do Desporto, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEF, 1998. 3v.: il.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DE EXTENSÃO DAS UNIVERSIDADES PÚBLICAS BRASILEIRAS - FOPROEX. **Política Nacional de Extensão Universitária**. Manaus, 2012. Disponível em: <https://proex.ufsc.br/files/2016/04/Política-Nacional-de-Extensão-Universitária-e-book.pdf>. Acesso em: 15 out. 2018.

HAVELOCK. **Preface to Plato**. Nova York: Grossett and Dulap, 1963.

MENDES, Simone P. S. **Um estudo da argumentação em cordéis midiaticizados**: da enunciação performática à construção discursiva da opinião. Belo Horizonte, Programa de Pós-graduação em Estudos Linguísticos, UFMG, 2011.

OLIVEIRA, Ana. **Poemas para alfabetização**: a importância das rimas no aprendizado infantil. [2018?]. Disponível em: <https://leiturinha.com.br/blog/poemas-para-alfabetizacao-a-importancia-das-rimas-no-aprendizado-infantil/> Acesso em: 10 set. 2018.

ZUMTHOR, Paul. **A letra e a voz**: a “literatura” medieval. São Paulo: Cia das Letras, 1993.